

# Pena e Espada: sobre a história dos intelectuais na época de Voltaire\*

*The Quill and the Sword: the History of  
Intellectuals at the Time of Voltaire*

**Marcos Antônio Lopes\*\***

## Abstract

The analysis developed on the intellectual's genesis in the Occident. It would be this a phenomenon of ends of the century XIX, or the intellectual's birth precedes this period. In this article the trajectory of Voltaire is evaluated, identified with an intellectual carrier of all the attributes capable to check it the title of a E. Zola *avant la lettre*.

Key-words: Intellectual History; Enlightenment; Voltaire.

## Resumo

A análise recal sobre a gênese do intelectual no Ocidente. Seria este um fenômeno de fins do século XIX, ou o nascimento do intelectual antecede este período. Neste artigo avalia-se a trajetória de Voltaire, identificado com um intelectual portador de todos os atributos capazes de lhe conferir o título de um E. Zola *avant la lettre*.  
Palavras-chave: História Intelectual; Século das Luzes; Voltaire.

Este artigo pretende refletir sobre um tema historiográfico relativamente recente, o do intelectual interventor - consoante as preocupações da história intelectual francesa, tendo em Edgar Morin um de seus nomes de maior expressão -, cujo nascimento é identificado em fins do século passado. Mas, dataria mesmo este "batismo" do intelectual de fins do século XIX, com a mobilização nacional francesa em torno do caso Dreyfus? O problema que se formula é o seguinte: o século XVIII não se poderia encontrar os principais fundamentos que caracterizam o intelectual contemporâneo? Enfim, Voltaire

\* Este texto é adaptação de um dos capítulos de nossa tese de doutorado *Voltaire, a história, o príncipe e a virtude*, defendida no Depto. de História da Universidade de São Paulo em 1999, com o apoio do CNPq. Agradeço aos professores Elias Thomé Saliba, José Carlos Reis, Lucília de Almeida Neves, Modesto Florenzano e Antônio Penalves Rocha pela minuciosa arguição.

\*\* Professor da Unioeste/ Doutor em História pela USP.

foi um intelectual digno desse nome já em sua acepção presente, ou não passou muito mais de um escritor solitário, excêntrico e egoísta, apenas preocupado com a sua ânsia de glória, com a busca da consagração a qualquer custo?

É possível, e bem provável, que toda esta ênfase na gênese do intelectual datando de fins do século XIX se relacione a um desses estereótipos que, mesmo desbaratados por judiciosos estudos, sempre sobrevivem ou são ressuscitados, para atender a certos modismos do universo acadêmico. De fato, até hoje o século XVIII é concebido como uma época intelectualista, ensimesmada em discussões filosóficas abstratas, sem conexões com a realidade social. Ora, nas décadas de 1930-40, Ernst Cassirer já se ocupava em desmistificar tal juízo. Para ele, os filósofos da Ilustração se moviam na esfera daquilo que Kant conceituaria anos mais tarde como o "primado da razão prática". Não se envolver e deixar de responder às coerções impostas pelo seu mundo é um enfoque enganoso para retratar o século XVIII, do ponto de vista da ação de seus intelectuais. Para Cassirer, "Eles nunca aceitaram uma distinção irreduzível entre a razão teórica e a razão prática. Não separavam a especulação da vida. Nunca existiu talvez uma harmonia mais completa entre a teoria e a prática, entre o pensamento e a vida, que no século XVIII. Todos os pensamentos eram postos imediatamente em ação; todas as ações se encontravam subordinadas a princípios gerais e eram julgadas de acordo com os modelos teóricos. Foi esta característica que deu à cultura do século XVIII a sua força e a sua profunda unidade. A literatura e a arte, a ciência e a filosofia, tinham um centro comum e cooperavam para o mesmo fim". (CASSIRER 1961: 222).

Se intervir na realidade política e social de seu tempo é suficiente para caracterizar o intelectual, em seu significado mais recente, Monsieur Arouet incorpora muito bem as palavras de Sartre quando diz que "cada um de meus atos coloca em jogo o sentido do mundo e o lugar do homem dentro do universo". Intelectual interventor, no sentido em que participa ativamente em variados processos que mobilizam uma incipiente opinião pública, cujo exemplo emblemático é o caso Calas, ele tenciona exercer um "império intelectual", à moda do Século das Luzes, por seu espírito de conquista e o anseio de dominação cultural.<sup>1</sup> Com efeito, o paradigma intelectual voltairiano se fundamenta sobre a seguinte questão: conduzir os segmentos dirigentes do poder político pela via esclarecida da razão iluminista, mesmo que esta intenção última traduzisse um enorme e insaciável apetite pelo próprio poder, ainda que na condição de coadjuvante, ou seja,

<sup>1</sup> "Mais engajado que Montesquieu e Rousseau, ele intervém freqüentemente nos eventos. Emissário officioso, ele negocia em Berlim. (...) Ele exorta Catarina a agir firme em Constantinopla. (...) Ele toma partido na Guerra civil de Genebra". (POMEAU 1994b: 11).

filósofo ou pedagogo de cabeças que cingem coroas.

No século XIX o grande Michelet enfocava outras dimensões nas atitudes do Voltaire interventor, quando afirmou que ele havia tomado para si as dores do mundo: "Tudo o que o fanatismo e a tirania sempre fizeram de pernicioso ao mundo, foi a Voltaire que eles fizeram, é a ele que se decapta em São Bartolomeu, é a ele que se enterra nas minas do novo mundo, é a ele que o parlamento de Toulouse suplicia com Calas... Ele chora, ele ri nos tormentos, riso terrível, ao qual se desmoram as bastilhas dos tiranos, os templos dos fariseus". (Citado em BIZIÈRE & SOLÉ 1993: 258). Algo claramente inspirado nisso encontramos na biografia de Jean Orieux: "Quando se esquiteja Calas em Toulouse, escutamos se elevar, de Genebra, o grito de dor e de indignação de Voltaire, que se sente torturado. Não é somente Calas o atingido, é a humanidade que é ferida; é Voltaire, vocês e eu". (ORIEUX 1994: 11). É bom lembrar que Jean Goldzink considera essa premiada obra de Orieux como uma espécie de *decalque* do livro de Desnoireterres, texto em relação ao qual o próprio Orieux reconhece o débito, na sua "Introdução". Nos diz Godzink: "Elegante floreio, ornado de fantasias, sobre o plano de Desnoireterres - o Antigo Testamento que guiou o povo voltairiano por cento e vinte anos". (GOLDZINK 1994: 184-185). Mas Orieux é citado numa atualizada bibliografia sobre o "estado presente dos estudos voltairianos", por aquele que é talvez o maior especialista em Voltaire, o que parece evidenciar o valor do trabalho. (Cf. POMEAU 1994: 198).

É certo que no século XVIII não existia o "nome" - a palavra "intelectual" em seu sentido recente<sup>2</sup> -, e nem sequer havia o "número" - um grupo de eruditos compacta e organicamente engajados em causas variadas (o combate contra as perseguições sofridas pela *Encyclopédie* mobilizou umas poucas cabeças) -, mas os "valores", estes já eram bastante claros e não cremos que Voltaire achasse idéias malucas e extemporâneas paradoxos maniqueístas entre bem e

<sup>2</sup> De acordo com Carlo Marletti, a palavra *intellectuel* apareceu na língua francesa na segunda metade do século XIX. O que havia de mais próximo a ela, anteriormente, era o conceito *inteligência*, neologismo de um romancista russo que Turgenev acabou divulgando. De todo modo, assevera Marletti, "Esta palavra (*intellectuel*) provavelmente já estava em uso antes, em alguns círculos literários e políticos, mas seu registro de nascimento, i.e., sua oficialização, remonta ao célebre *Manifeste des intellectuels*, publicado no diário "Aurore" de 14 de janeiro de 1898. (...) Recebido com desconfiança nos dicionários e considerado freqüentemente como gíria ou expressão depreciativa, o termo *Intellectuels* conserva ainda o sentido político que recebeu, como se fosse um nome de guerra, no conflito entre conservadores e progressistas em torno do caso Dreyfus". (MARLETTI em BOBBIO et alii 1997: 637; acerca do *affaire Dreyfus* q. v. BOBBIO 1997: 123 ss.). Para Norberto Bobbio, "O nome é relativamente recente, mas o tema é antigo. (...) Que esses sujeitos históricos sejam chamados 'intelectuais' há cerca de um século, não deve obscurecer o fato de que sempre existiram os temas que são postos em discussão quando se discute o problema dos intelectuais, quer esses sujeitos tenham sido chamados, segundo os tempos e as sociedades, de sábios, sapientes, doutos, *philosophes*, *clercs*, *hommes de lettres*, literatos, etc.". (BOBBIO 1997: 109-110; acerca desse conceito q. v. também SIRINELLI 1996).

mal, justo e injusto. Mas, então, o que caracteriza o intelectual, segundo os pressupostos da História Intelectual? Ter adquirido notoriedade colocando sua verve, ou melhor, seus dotes de retórica e seu prestígio pessoal a serviço do bem-estar de seus compatriotas é um dos princípios integrantes de seu perfil. Além disso, o fato de se bater na defesa de valores universais como a verdade e a justiça.

Ora, Voltaire realizou algumas notáveis intervenções públicas, conseguindo revisões de alguns processos e as devidas reabilitações de seus indiciados: "Por sobre as fronteiras, por fim senhor de si mesmo, ele vai, de cólicas em vapores, se ocupar infatigavelmente de tudo aquilo que não percebe um homem de letras tradicional". (GOLDZINK 1994: 98). Desse modo, fez o mesmo que Emile Zola, e talvez até bem mais do que Zola, haja vista estar-se no século XVIII, em plena idade do arbítrio dos reis, da intolerância clerical e das mais variadas formas institucionalizadas de violência. Nesse sentido, o neologismo "intelectual" se aplica inteiramente ao Príncipe das Luzes, designando uma espécie de vanguarda intelectual solitária e iconoclasta. Mas há algo mais. Voltaire foi também um generalista, um iluminista, no sentido pleno da palavra. Em verdade, encarna o ideal do homem renascentista, conforme define a filósofa e historiadora húngara Agnes Heller (1985), ou seja, o sábio que transita com desenvoltura pelos mais diversos campos do conhecimento, indo da crítica literária à física e à matemática, sem deixar de passar pela dramaturgia, o jornalismo, a filosofia, a política e a história.<sup>3</sup>

Certamente, todas as ações voltairianas se constituíram em atos pessoais por excelência. Atuou contra grupos relativamente organizados, grupos esses engajados num combate sem tréguas contra ele. Mas, muitas vezes acuado, Voltaire jamais constituiu o seu próprio grupo. Foi um combatente solitário que não dispensava propriamente aliados, mas que era incapaz de mantê-los em torno de si. O que tornou sua voz suficientemente amplificada em suas intervenções públicas não foi certamente sua "filiação" a este ou àquele grupo, mas sua celebridade, justificada por seu talento literário colossal e o poder cinicamente destrutivo de seus textos. Seu valor intelectual foi reconhecido mesmo entre os círculos mais conservadores, não apenas em seu tempo, mas em meio aos ventos mais conservadores da cultura européia do Dezenove. O *ultra* Joseph de Maistre afirmara, por exemplo, em seus *Sermões de São Petersburgo*, que "O grande

<sup>3</sup> Voltaire era uma dessas mentes enciclopédicas: "Poet, dramatist, essayist, historian, novelist, philosopher, scientist amateur, his claim to immortality rests on his polemical genius and his power of ridicule in which, to this day, he knows no equal". (BERLIN 1979b: 113). Acerca desse caráter enciclopédico de sua cultura ele se exprimiu em sua "Lettre à M. Pitot": "Je suis comme les petits ruisseaux: ils sont transparents parce qu'ils sont peu profonds". Citado em (LANSON 1960: 72). E André Versaille acrescenta: "Voltaire pensa como Pascal que 'é bem mais belo saber alguma coisa de tudo, que saber tudo de uma coisa'". (VERSAILLES 1994: 35). Por estas múltiplas virtudes René Pomeau denominou-o "Voltaire, le multiforme". (POMEAU 1994c: 15).

crime de Voltaire é o abuso do talento e a prostituição de um gênio criado para celebrar a Deus e a virtude. (...) Paris o coroou, Sodoma o teria banido". (Citado em RÓNAI 1996: 1010).

De fato, Voltaire esteve só; não pertenceu a nada que se assemelhe ao "partido dos intelectuais" em nossa sociedade contemporânea.<sup>4</sup> Mas ele representou, mesmo sozinho, um partido inteiro, pela força devastadora de seu discurso. O fato de Voltaire ter o peso de uma corporação, por seus talentos superlativos, havia sido apontado por Frederico II no "Elogio de Voltaire": "Pode-se dizer, se me é permitido exprimir-me assim, que o senhor de Voltaire sozinho valia por toda uma academia". (Citado em RÓNAI 1986: 1010). Nesse sentido, uma passagem famosa, que citamos de memória por não recordarmos exatamente sua autoria - mas cremos que é de Michelet -, também nos dá bem a medida da substância explosiva do conjunto de sua obra, no que tange à força criadora do intelectual para a constituição de um novo mundo. Nos diz Michelet (?) que "a Itália teve o Renascimento e a Alemanha a Reforma. A França não teve Renascimento nem Reforma, mas teve Voltaire, que representou para ela o Renascimento, a Reforma, e metade da Revolução".<sup>5</sup>

Isto pode muito bem significar um determinado emprego da arte de escrever, aquele da pena como uma espada afiada; aliás, a pena cortante nunca será um instrumento rebelde em suas mãos. Com efeito, a atitude voltairiana é bem a antecipação da divisa de Balzac: "Ce qu'il a commencé par le épée, je l'achèverai par la plume".<sup>6</sup> Manejava-a com a maestria de um esgrimista perfeito. O fato é que, com Monsieur de Voltaire, a literatura foi arregimentada pela primeira vez em peça de artilharia pesada, num século XVIII marcado pela voga do anticlericalismo, pela crítica impiedosa dos desvarios da Igreja, dos excessos do absolutismo monárquico e dos privilégios da sociedade aristocrática. Na época de Voltaire, o espírito dos tempos se define pela filosofia secularizada, e pelo pensamento despido das fórmulas e convenções teológico-religiosas, até onde isso era possível no século XVIII. O século de Voltaire cria um novo padrão de homem de letras, "apóstolo" da razão, à maneira dos escritores heterodoxos - os chamados *libertins* - da Idade Clássica, a exemplo de Pierre Gassendi e Pierre Bayle, este último o infatigável descobridor de erros, o homem que ensinou aos homens a necessidade das idéias próprias, "...

<sup>4</sup> Para Franco Venturi, os intelectuais das Luzes não formaram "um partido, uma corrente única": "O partido dos filósofos não estava suficientemente unido, nem suficientemente decidido, para se colocar à cabeça da opinião pública". (VENTURI 1971: 24-29).

<sup>5</sup> Teria sido Voltaire o homem que abalou o trono e o altar? Sobre esse assunto existem nuances que é preciso destacar, quando se avalia o conteúdo político da obra histórica, filosófica e literária do Príncipe das Luzes. No que se refere à monarquia, nenhuma visada, entre os grandes pensadores franceses do século XVIII, é mais conservadora que a sua. Como nos ensina Pomeau, "O espírito voltairiano é mais profundamente 'revolucionário', no sentido em que ele espera operar uma 'revolução do espírito humano'". (POMEAU em VOLTAIRE 1990: 31).

<sup>6</sup> Citado em Curtius (1996: 237).

dando-nos um dicionário de reflexões - a primeira obra do gênero em que se poderia aprender a pensar”, como ele anotou no *Siècle de Louis XIV*. (Cf. VOLTAIRE 1957: 1008).

Destes e de outros iconoclastas da Idade Clássica, Voltaire será como uma espécie de reencarnação tempestuosa, principalmente porque exercerá maior influência em seu próprio tempo. Sua enorme admiração por Pierre Bayle pode ser melhor compreendida na descrição que faz deste Georges Lefebvre: “Este espírito crítico que Bayle aplica a seus textos não tem limites, não sente respeito algum por nenhuma autoridade e, principalmente, pela História Sagrada e as Escrituras; deste modo, abriu caminho para Voltaire, provavelmente seu melhor discípulo”. (1974: 113). Em sentido análogo, Guy Chaussinand-Nogaret observa que a obra deste autor realizou uma “...verdadeira sabotagem crítica, obra-prima de ceticismo elegante e polido, obra de uma razão crítica que esconde suas temeridades sob uma divertida brincadeira já bastante voltairiana. (...) Em síntese, [Bayle foi] o arquétipo de Voltaire, menos o sarcasmo e o militantismo”. (1994: 13). De fato, Bayle foi um renome imenso, uma reputação não arrastada pelo vento, e que retumbou com estrépito por toda a primeira metade do século XVIII, e até mais além. (Cf. HAZARD 1989: 41). Pretendendo representar a lei de Deus ou do Estado, em nome da razão universal, Voltaire deve denunciar os despotismos, as injustiças e as mentiras. Ataca preferencialmente o clero, por reconhecer, neste meio, a principal fonte do mal, que não hesita em convocar a violência como *Prima ratio*, quando caberia um honesto combate de idéias.

Intelectual do Iluminismo, imagem bastante perfeita do individualismo renascentista, que se traduz por uma visão personalista e egocêntrica da vida, Voltaire se deixou guiar, em inúmeros casos, por ideais bem ao gosto de nosso tempo: a defesa de direitos humanos fundamentais, como o direito de voz e de defesa, numa época em que eles sequer eram cogitados. Nesse sentido, Voltaire já participa do espírito do intelectual, conforme o entendemos contemporaneamente. Além do mais, vai se vestir de guia intelectual para esclarecer o mundo, a partir da tomada de consciência do ridículo e do absurdo da existência de práticas como as rodas de tortura, as *lettres de cachet*, a desproporção entre delito e pena, e uma série de mazelas peculiares ao *Ancien Régime*. Como apontou Eric Hobsbawm (1998: 215), ele irá denunciar veementemente a tortura de negros escravos no Suriname. A crítica a que se refere o historiador inglês encontra-se no *Cândido* - e em outros diversos textos de Voltaire, como o *Ensaio sobre os costumes* e o *Dicionário Filosófico* - quando constata que certas comodidades e certos regalos europeus implicavam um custo humano exageradamente elevado. Ouçamos Voltaire em seu *turbi-lhão* intitulado *Candide*:

"Quando se aproximavam da cidade, encontraram um negro caído no chão, não tendo mais que metade do vestuário, isto é, umas calças de pano azul; faltavam àquele pobre homem a perna esquerda e a mão direita. -Meu Deus! - disse-lhe Cândido em holandês. - Que fazes aí, meu amigo, no horrível estado em que te vejo? -Espero meu patrão, o famoso negociante Sr. Vanderdendur. -E foi o Sr. Vanderdendur quem te deixou nesse estado? -Sim. É o costume - disse o negro. - Por todo vestuário, dão-nos umas calças duas vezes por ano. Quando trabalhamos nas usinas de açúcar e o rebolo nos apanha o dedo, cortam-nos a mão; quando tentamos fugir, cortam-nos a perna: incorri em ambos os casos. É por esse preço que os senhores comem açúcar na Europa". (VOLTAIRE 1994: 261-262).<sup>7</sup>

Sem dúvida, em Voltaire, a literatura é mais que nunca um espelho do tempo. Hanna Arendt (1985), ao analisar a violência, nos conta que Mao Tsé-tung acreditava que o "poder brota do cano de uma arma". Esta imagem é muito sugestiva e talvez bastante apropriada para a análise da idéia que Voltaire fazia acerca das relações intelectual-poder. Em Voltaire, o poder parece que estava na ponta de uma pena, empunhada sem propósitos violentos, mas que sempre causava brechas consideráveis. Com seus escritos, ele *entortou o Ancien Régime*, fazendo-o cambalear diante da força de sua consciência crítica.

Se Voltaire foi um escritor ocupado consigo mesmo e com sua ansiedade megalômana por glória literária, como demonstrou Pierre Lepape, personificou também o mais moderno espírito do *philosophe engagé*, aplicado que estava em produzir uma literatura de choque. Mas será que podemos confiar nessa repulsa voltairiana à violência da escravidão, principalmente quando se sabe que o *empresário* Voltaire possuía investimentos consideráveis nos territórios franceses ultramarinos? Ora, seu "pensamento político" jamais será uma linha reta. Na verdade, é bem sinuoso e apresenta ambigüidades que não se deve desconsiderar pois o mesmo Voltaire que, num conto filosófico de 1759, se coloca contra a escravidão, se pronunciará favoravelmente a ela ao afirmar que a humanidade, tal como está constituída, não pode subsistir se não houver um número infinito de pessoas úteis, que não dispõem de qualquer propriedade.<sup>8</sup> Esta passagem nos faz recordar uma interrogação levantada por René Pomeau acerca dessas sinuosidades voltairianas, e das ambigüidades que espalhou pela história das idéias: "Dividido entre seu amor pela liberdade e sua admiração pelo despotismo esclarecido, Voltaire não prepara as hesita-

<sup>7</sup> E no capítulo 12 do *Essai sur les moeurs*: "Se eles querem fugir, cortamo-lhes a perna, e se se tentona fazê-los voltar ao engenho, damo-lhes logo uma perna de pau. Isto feito, ousamos falar de direitos dos povos". (1990: 416).

<sup>8</sup> De acordo com M. Duchet, "Este interesse pela condição legal do escravo situa Voltaire entre os discípulos de Montesquieu: como ele, colocou o problema em termos jurídicos, e não pôe em causa o princípio mesmo da escravidão, mas apenas suas modalidades". (DUCHET 1995: 320). Acerca da escravidão em sua obra, cf. também (GAY 1977: 407 ss.).

ções da burguesia francesa, indo do cesarismo napoleônico ao liberalismo de M. Thiers?". ("Préface" em VOLTAIRE 1957: 23).

Na Espanha, "As obras de Voltaire, interdidas no conjunto em 1762, não podem infiltrar senão sob títulos falsos ou sob o véu do anonimato". (RÉAU 1951: 80). Robert Darnton nos conta as perigosas peripécias vividas pelos transportadores de livros quando flagrados com obras de Voltaire e outros "sortimentos de impiedades". (DARNTON 1992). E a este título Paul Hazard nos lembra que "Quando o poder tem contra si o público, nunca impede que os livros se imprimam e se difundam". (HAZARD 1989: 95). A censura parece que fez de Voltaire um campeão dos *best sellers* na segunda metade do século XVIII. Como nos lembra Darnton, alguns autores "... como Voltaire e Mercier dominam o mercado, inundando-o com um fluxo contínuo de textos; (...) o fenômeno Voltaire é excepcional. A infernal fábrica em Ferney só diminui sua produção com a morte do patriarca em 1778, desencadeando no decorrer da década de 1780 uma guerra pela edição de suas obras completas". (DARNTON 1992: 153). O próprio Voltaire se manifestou sobre a liberdade de expressão, sobre a "liberdade de pena". No *Dicionário Filosófico* ele observou que os efeitos de uma leitura não estão no próprio texto, mas na disposição ou indisposição do leitor. Conheço muitos livros enfadonhos, dizia Voltaire, mas não sei de nenhum que tenha causado prejuízo real. Toda censura e repressão não impediram que ele fosse um dos autores mais lidos durante o século XVIII, e que continuasse tendo seus livros muito procurados ao longo do século XIX. Quando da morte violenta de Luís XVI, fato que chocou toda a Europa monárquica, Catarina manda interditar a *Enciclopédia* na Rússia, obra que visava aniquilar o cristianismo e as monarquias, ordenando confiscar todas as traduções de Voltaire, cujas idéias tinham transformado os franceses em "canibais embrutecidos". (Cf. RÉAU 1951: 369). O fato que melhor revela a grande repercussão do autor, no âmbito da posteridade, é que seus livros são queimados na França ainda no século XIX, pelos *ultra*, defensores de Luís XVIII contra o ataque dos liberais. (Cf. LÉVÊQUE 1950).

## FONTES

VOLTAIRE. 1957. "Le siècle de Louis XIV". In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).

VOLTAIRE. 1994. "Candide ou l'Optimisme". *Romans et contes*. Paris, Librairie Générale Française. (Préface d'Édouard Guitton).

## Bibliografia

- ARENDT, Hannah. 1985. *Da violência*. Brasília, E.U.B.
- BERLIN, Isaiah. 1979a. *Against Current: Essays in the History of Ideas*. London, Hogarth Press. 1979b. "Voltaire". In: *The Age of Enlightenment The Eighteenth-Century Philosophers*. Oxford, Oxford University Press.
- BIZIÈRE, J.-M. & SOLÉ, J. 1993. "Voltaire". In: *Dictionnaire des biographies. La France Moderne*. Paris, Armand Colin.
- BOBBIO, N. 1997. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo. Editora da Unesp.
- CASSIRER, E. 1961. *O mito do Estado*. Lisboa, P.E.A.
- CHAUSSINAND-NOGARET, G. 1994. *Voltaire et le Siècle des Lumières*. Paris, Éditions Complexe.
- CURTIUS, E. R. 1996. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo, Hucitec/Edusp.
- DARNTON, R. 1992. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo, Companhia das Letras.
- DELUMEAU, J. 1984. *A civilização do Renascimento*. Lisboa, Estampa. Vol. 01.
- DUCHET, M. 1995. "L'anthropologie de Voltaire". In: *Anthropologie et histoire au Siècle des Lumières*. Paris, Albin Michel.
- GAY, P. 1977. *The Enlightenment, an Interpretation. The Science of Freedom*. New York, W. Norton.
- GOLDZINK, J. 1994. *Voltaire, la légende de Saint Arouet*. Paris, Gallimard.
- HAZARD, P. 1989. *O pensamento europeu no século XVIII*. Lisboa, Presença.
- HELLER, A. 1985. *O homem do Renascimento*. Lisboa, Presença.
- HOBBSBAWM, E. J. 1998. *Sobre história*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LANSON, G. 1960. *Voltaire*. Paris, Hachette.
- LEFEBVRE, G. 1974. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Barcelona, Martínez Roca.
- LÉVÊQUE, A. 1940. *Histoire de la civilisation française*. New York, Henry Holt and Company.
- MARLETTI, C. 1997. "Intelectuais". In: BOBBIO, N. *Dicionário de política*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília. Vol. 01.
- ORIEUX, J. 1994. *Voltaire ou la royauté de l'esprit*. Paris, Flammarion.
- POMEAU, R. 1957. "Préface". In: VOLTAIRE. *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard. 1990. "Introduction". In: VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs*. Paris, Bordas. Vol. 01. 1994a. Voltaire. Paris, Seuil. 1994b. "Présentation". In: *Politique de Voltaire*. Paris, Armand Colin. 1994c. "Préface". In: VERSAILLE, A. (org.). *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Paris, Éditions Complexe.
- RÉAU, L. 1952. *L'Europe française au Siècle des Lumières*. Paris, Albin Michel.
- RÓNAI, P. 1986. "Voltaire". In: -. *Dicionário universal de citações*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- SIRINELLI, J.-F. 1996. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René. (org.) *Por uma história política*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro.
- VENTURI, F. 1971. *L'Europe des Lumières: recherches sur le XVIIIe siècle*. Paris, EHESS.
- VERSAILLE, A. 1994. "Voltaire, le besoin de comprendre". In: -. *Dictionnaire de la pensée de Voltaire par lui-même*. Paris, Éditions Complexe.